



Apresentação da Tradução

MUDANÇA CULTURAL ENTRE IMIGRANTES

JAPONESES NO BRASIL, NO VALE DO RIBEIRA DE SÃO PAULO

Mario Antonio Eufrazio*

Nascido em 14 de março de 1899, em Wiesbaden, na Alemanha, Herbert Baldus participou, ainda jovem, da Primeira Guerra Mundial, primeiro como cadete, em Potsdam, e, já quase no fim do conflito, como oficial da força aérea. Viajou para a Argentina em 1921 e mudou-se para São Paulo em 1923. Logo depois, fez uma viagem com uma equipe cinematográfica ao Gran Chaco, no Paraguai, tendo contato com três tribos indígenas. Essa viagem despertou seu interesse pelos estudos de Etnologia indígena, a que passou a se dedicar profissionalmente até morrer em São Paulo, em 24 de outubro de 1970, de um ataque cardíaco. Em 1927, visitou os guaranis do litoral de São Paulo, retornando, depois, às tribos do Chaco paraguaio, em 1928. Nessa época, começou a publicar estudos sobre grupos indígenas e Etnologia. De volta à Alemanha, cursou a Universidade Friedrich Wilhelm, de Berlim, onde estudou Etnologia com Richard Thurnwald e obteve seu doutorado.

Com a ascensão do nazismo ao poder, mudou-se definitivamente para o Brasil, em 1933. Iniciou, então, uma série de expedições, visitando tribos brasileiras e paraguaias, atividades que desenvolveu periodicamente (de 1933 a 1935, em 1941, 1944, 1947 e 1952) e a partir das quais veio a publicar um grande número de artigos, ensaios e livros nas áreas de Etnologia e Arqueologia.

Em 1939, iniciou sua carreira acadêmica ao assumir a Cadeira de Etnologia Brasileira na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Ministrou cursos e dirigiu seminários – o mais importante dos quais foi o Seminário sobre os Índios no Brasil, que ofereceu até 1960 –, que foram acompanhados por numerosos alunos que viriam a estar entre os primeiros cientistas sociais acadêmicos no Brasil.

* Professor doutor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Nessa condição, com Emilio Willems e alunos da Escola de Sociologia e Política, foi ao Vale do Ribeira estudar a mudança cultural em um grupo de imigrantes japoneses lá instalados. Como resultado, publicou com Willems dois artigos: “Casas e túmulos de japoneses no Vale do Ribeira de Iguape” (*Revista do Arquivo Municipal*, n. 77, 1941) e o artigo aqui traduzido (1942), mais tarde, “Mudança cultural entre imigrantes japoneses no Brasil, no Vale do Ribeira de São Paulo” (*Folha da Manhã*, 18 de junho de 1958) – talvez os únicos de sua vasta bibliografia que não tratam de etnologia indígena e temas a ela relacionados, mas de um tema da sociedade moderna.

Convidado, em 1946, para organizar as coleções do Museu Paulista, veio a ser o diretor do setor de Etnologia até 1968, quando se aposentou e passou a ser o editor da *Revista do Museu Paulista*, de 1947 até 1967. Foi também diretor do Museu Paulista de 1953 até 1960. Em 1949, visitou tribos de índios dos estados do Arizona e do Novo México, nos Estados Unidos, e foi o secretário do Comitê Executivo do 29º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Nova York, cargo que desempenhou também no encontro seguinte, em Cambridge, Inglaterra (ocasião que lhe permitiu visitar centros de pesquisa em outros oito países europeus).

Além de participar do II Congresso Latino-Americano de Sociologia, em 1953, Baldus foi, nesse mesmo ano, presidente da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia e da Associação Brasileira de Antropologia, no biênio 1961-1963. Nos anos seguintes, participou de congressos de diversas entidades das Ciências Sociais, até 1966. Organizou o 31º Encontro Internacional dos Americanistas, de 1954, realizado em São Paulo, e, em 1961, ministrou um curso de Etnografia Geral e do Brasil na FFCL de Rio Claro.

Desde o início de sua obra, Baldus se mostrou preocupado com as situações de contato com os grupos indígenas, pelo quê insistiu no estudo das temáticas da mudança cultural e da política indigenista, vendo com reservas os processos de aculturação, defendendo o isolacionismo e criticando a perspectiva evolucionista na atuação do Serviço de Proteção aos Índios, criado por influência do Marechal Cândido Rondon, a quem muito admirava, e a desintegração da unidade étnica dos grupos indígenas.

Entre seus muitos escritos, ao longo de quarenta e cinco anos, destacam-se: *Ensaio de Etnologia brasileira* (1937); o volume I da monumental *Bibliografia crítica da Etnologia brasileira* (São Paulo, 1954), cujo volume II foi editado por Hans Becher (Hannover, 1968) e o volume III foi organizado por Thekla Hartmann (Berlim, 1984); e a monografia *Tapirapé: tribo tupi do Brasil Central* (1970).

Emilio Willems nasceu em 1905, na aldeia de Niehl, junto à cidade de Colonia, na Alemanha, onde se formou em Economia em 1924, indo, em seguida, estudar Sociologia e Etnologia em Berlim.

Criado em uma família católica, em 1931 veio para o Brasil lecionar em um Seminário em Brusque, Santa Catarina, e depois em Jacarezinho, no norte do Paraná. Transferiu-se em 1936 para São Paulo, onde viveu até 1949, quando mudou com a família para Nashville, nos Estados Unidos, passando a lecionar na *Vanderbilt University*, na qual se tornou professor emérito em 1975. Faleceu em novembro de 1997.

Nos dezoito anos em que permaneceu no Brasil, Willems desenvolveu uma obra de notável relevância, centrada no tema da assimilação dos imigrantes à sociedade brasileira. Ainda em Brusque, escreveu seu primeiro trabalho: “Essai sur le problème de la colonisation au Brésil” (*Revue Internationale de Sociologie*, 1934), sendo, logo depois, convidado por Fernando Azevedo para lecionar Sociologia da Educação na Universidade de São Paulo, onde obteve a livre-docência em 1937 e passou a lecionar Antropologia, vindo a ser o regente dessa cadeira em 1947.

Ao mesmo tempo, lecionou na Escola de Sociologia e Política. Com seus estudos, *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural no Brasil* (1947; 2. ed.: *Uma vila brasileira: tradição e transição*, 1961), com base em trabalho de campo realizado em diversos meses de 1945, e *Buzios Island: a caiçara community in southern Brazil* (1952, com Gioconda Mussolini), foi um dos pioneiros dos estudos de comunidades e da chamada “cultura caipira” no Brasil.

Willems combinava o trabalho de campo etnográfico com pesquisas de reconstrução histórica, o que caracterizou a maior parte de seus estudos, que buscavam revelar como mudanças sociais e culturais e modificavam a organização social de grupos particulares. Seus estudos de mudança cultural abordam, sobretudo, imigrantes alemães – em *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes* (1940) e *Aculturação dos alemães no Brasil* (1946) – e imigrantes japoneses – em *Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo* (1948) e “The japanese in Brazil” (*Far Eastern Survey*, 1949), antecidos pelos dois artigos já citados, elaborados com Baldus.

O leitor tem uma agradável surpresa ao encontrar em certo número de textos seus discussões que revelam uma reflexão própria, lucidamente aprofundada e lastreada em um notável conhecimento da melhor literatura especializada da época, acerca dos fenômenos e processos de contatos culturais que resultam em situações de conflito cultural, aculturação e assimilação, em suas diversas dimensões

e perspectivas – antropológicas, sociológicas e sociopsicológicas: “Asimilación y aculturación” (*Revista Mexicana de Sociología*, 1944), “Some aspects of cultural conflict and acculturation in southern rural Brazil” (*Rural Sociology*, 1942) e “Problemas de uma Sociologia do Peneiramento” (*Revista do Arquivo Municipal*, 75, 1941).

O artigo aqui traduzido, “Mudança cultural entre imigrantes japoneses no Brasil, no Vale do Ribeira de São Paulo”, de 1942, manifesta diversos elementos das linhas de preocupação dos dois autores: uma minuciosa etnografia do grupo social estudado e uma indicação do significado das mudanças constatadas como parte do processo de adaptação a uma nova sociedade. Assim, após um relato da colonização japonesa no Vale do Ribeira, o artigo apresenta sucessivamente as evidências de mudança cultural nos itens de vestuário, casas e mobília, condições econômicas, hábitos alimentares, organização familiar, organização da comunidade, religião, atividades recreativas e idioma, em um levantamento abrangente, embora rápido, da organização cultural em processo de transformação.